



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE SAÚDE E TECNOLOGIA RURAL
CAMPUS DE PATOS – PB
CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA**

**ANEMIA INFECCIOSA EQUINA (*Equus caballus*, Linnaeus, 1758)
- REVISÃO DE LITERATURA -**

**LÍDIO FERNANDES DE OLIVEIRA NETO
Graduando**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE SAÚDE E TECNOLOGIA RURAL
CAMPUS DE PATOS – PB
CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA**

**ANEMIA INFECCIOSA EQUINA (*Equus caballus*, Linnaeus, 1758)
- REVISÃO DE LITERATURA -**

**LÍDIO FERNANDES DE OLIVEIRA NETO
Graduando**

**Prof.^a MSc. SÔNIA MARIA DE LIMA
Orientadora**

Clínica Médica de Grandes Animais



**PATOS - PB
Setembro/2013**



Biblioteca Setorial do CDSA. Maio de 2022.

Sumé - PB



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE SAÚDE E TECNOLOGIA RURAL
CAMPUS DE PATOS - PB
CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA

ANEMIA INFECCIOSA EQUINA (Equus caballus, Linnaeus, 1758): revisão de literatura/ LÍDIO FERNANDES DE OLIVEIRA NETO. - Patos, 2013. - REVISTA DE LITERATURA

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA DO CSTR

O48a

Oliveira Neto, Lídio Fernandes de

Anemia infecciosa equina (*Equus caballus*, Linnaeus, 1758): revisão de literatura/ Lídio Fernandes de Oliveira Neto. – Patos, 2013.

21f.: il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Medicina Veterinária) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Saúde e Tecnologia Rural.

“Orientação: Prof. Msc. Sônia Maria de Lima”

Referências.

1. Enfermidade Contagiosa. 2. Equídeos. I. Título.

CDU 616:619

PATOS - PB
2013

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE SAÚDE E TECNOLOGIA RURAL
CAMPUS DE PATOS – PB
CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA**

**LÍDIO FERNANDES DE OLIVEIRA NETO
Graduando**

**Monografia submetida ao Curso de Medicina Veterinária como requisito parcial para
obtenção do grau de Médico Veterinário.**

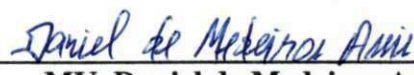
APROVADO EM,..... /..... /.....

BANCA EXAMINADORA

**Profª. MSc. Sônia Maria de Lima
(Orientadora)**



**Prof. Albério Antônio de Barros Gomes
(Examinador)**



**MV. Daniel de Medeiros Assis
(Examinador)**

A Deus,

Aos meus pais, Ivanildo Fernandes de Oliveira e Tércia Cristina Andrade de Oliveira;

A toda minha família;

A Professora, Sônia Maria de Lima

Dedico!

AGRADECIMENTOS

Aos meus familiares, que me apoiaram em todos os momentos, **especialmente meus pais**, Ivanildo Fernandes de Oliveira e Tércia Cristina Andrade de Oliveira; a Gustavo Henrique Andrade de Oliveira, Daniel Andrade de Oliveira e ao meu primo, Carlos Eduardo (Cadú);

A minha namorada; Ana Carolina Lacerda de Alencar, por todo companheirismo, amor e carinho;

Aos companheiros de moradia, Everton Marques (Nêgo), Ewerton Torquato (Tor4), Luis Henrique Guedes (Grilo), Ubiratan de Andrade (Bira), Daniel Meneses (Borel), Arthur Brandão (Batatinha), Vinicius Máximo (pigmeu), por todos os momentos bons e ruins, pois todos serviram de aprendizado e experiência. Dentre esses, alguns, que junto comigo formaram **o Palácio da Veterinária**;

Aos professores que fazem este sonho de muitos se tornarem realidades, dedicando-se e esforçando-se para que isso aconteça. Em especial a professora, Sônia Maria de Lima que me deu todo apoio para realização desta monografia;

Aos amigos de sala, que me aturaram por todo o tempo e fizeram parte dessa história;

Aos funcionários da Universidade Federal de Campina Grande, Damião, Baixinho, Fabiano, Tereza, Seu Cuité e Finha, pelo apoio e brincadeiras;

Aos meus amigos irmãos de Natal, abraço a todos por toda espera pelo meu retorno, sempre torcendo pela minha vitória e realização deste sonho, vocês fazem parte desse sucesso.

Meus sinceros agradecimentos!

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	11
2.1 Generalidades	11
2.2 Constatações etiológicas	11
2.3 Constatações etiopatogênicas	12
2.4 Constatações epidemiológicas	12
2.5 Constatações clínicas	14
2.6 Constatações patológicas	15
2.7 Constatações Diagnósticas.....	16
2.8 Controle e profilaxia	17
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	19
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	20

Lista de Figuras

Figura 1: mosquito <i>Anophelles</i>	13
Figura 2: animal debilitado.....	15
Figura 3: coração de animal afetado por AIE.....	15
Figura 4: coleta de sangue.....	16
Figura 5: teste de imunodifusão em gel-ágar.....	17
Figura 6: ficha de resenha para AIE.....	18

RESUMO

OLIVEIRA NETO, L. F. ANEMIA INFECCIOSA EQUINA (*Equus caballus*, Linnaeus, 1758) Revisão de Literatura. Patos, UFCG, 28p. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Medicina Veterinária, Medicina Preventiva e Clínica Médica de equídeos) - Unidade Acadêmica de Medicina Veterinária, Universidade Federal de Campina Grande.

A Anemia Infecciosa Equina (AIE) por se tratar de uma enfermidade infectocontagiosa de alta importância quanto à patogenicidade de natureza letal e de elevada morbidade, desperta grande interesse quanto ao estudo e ao reconhecimento técnico científico, relativo principalmente, as medidas de controle e a elucidação diagnóstica. Visto que, sua disseminação é bastante elevada quando não se adota criteriosos cuidados. No entanto, a susceptibilidade a essa doença não tem predileção por raça, sexo ou idade. A realização desse trabalho teve por objetivo aprimorar conhecimentos e levantar dados científicos atualizados, a respeito de ocorrências, em diferentes regiões do Brasil; nesse contexto, reporta-se sobre maior casuística na Região do pantanal Mato - Grossense. Sendo sua ocorrência de notificação obrigatória aos órgãos de defesa sanitárias governamentais, que devem ser imediatamente informados para a adoção de medidas restritivas de controle, quanto à possibilidade de difusão aos rebanhos vizinhos ou de outras áreas geográficas, especialmente com a instauração de barreiras sanitárias regionais. Em especial, o controle dessas doenças depende do conhecimento etiopatogênico, das características e dos aspectos epidemiológicos da doença.

Palavras-chave: enfermidade contagiosa; equídeos; anemia equina.

ABSTRACT

OLIVEIRA NETO, L. F. EQUINE INFECTIOUS ANEMIA (*Equus caballus*, Linnaeus, 1758)-literature-review. [Anemia Infeciosa Equina (*Equus caballus*, Linnaeus, 1758)-revisão de literatura]. 2013 18p, Monograph (Veterinary Medicine) - Academic Unit of Veterinary Medicine, Federal University of Campina Grande.

This study aimed to improve and collect data about the Equine Infectious Anemia (EIA) that affects horses worldwide and in Brazil with a higher concentration of cases in the Pantanal region of Mato Grosso, the Equine Infectious Anemia as it comes of a contagious disease, has to be treated as a matter of high importance as it has no cure and its spread is quite high when you do not take proper care, this disease has no predilection for race, sex or age. As the IEA is a notifiable disease, the responsible government authorities must be informed immediately and all precautions are taken for the distribution to neighboring herds or other geographical areas. We know that control of these diseases depends on knowledge etiopathogenesis, characteristics and epidemiological aspects of the disease.

Keywords: Contagious disease, Equidae, Equine Infectious Anemia.

1 INTRODUÇÃO

A equinocultura constitui-se a prática pecuária mais explorada mundialmente desde as datas mais remotas e estreitamente relacionada a história da civilização, pelas mais diversas opções de montaria. Porém apesar dessa difusão, conforme tem sido cada vez mais crescente no Brasil, por constitui-se essencial à pecuária de corte, desenvolvida extensivamente e no Nordeste brasileiro, respaldada pelos altos investimentos voltados a exploração equina para as práticas de vaquejadas. Entretanto, na maioria das vezes, criados em situações bastante deficitárias, não apenas em termos nutricionais, ou abusivos quanto às exigências a que são submetidos, mas especialmente, a condições ambientais, ou de convívio que expõe a doenças, sem as devidas medidas de controle ou de práticas sanitárias, como as vacinações preventivas de diferentes enfermidades infectocontagiosas, de natureza comumente letal em equinos.

Nesse contexto, a Anemia Infecciosa Equina (AIE), consiste numa das enfermidades equina de maior conotação, por se tratar de uma enfermidade contagiosa, de caráter letal, difundida mundialmente e, portanto de notificação obrigatória ao Ministério da Agricultura, na suspeita ou confirmação da ocorrência. Enfermidade essa, também conhecida como “Febre do pântano”, considerada uma das mais graves doenças que acomete equídeos em geral (equinos, muares e asininos), sem constatação de predisposição de raça, sexo ou idade. Considerada ultimamente, como a AIDS equina, devido consistir numa virose letal e, portanto, constantemente em discussão nos eventos médicos veterinários.

Dessa forma, o trabalho tem como escopo, obter conhecimentos e alertar tanto aos médicos veterinários e a população, quanto a importância da Anemia Infecciosa Equina.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 Generalidades

A Anemia Infeciosa Equina é uma enfermidade cosmopolita, causada por um vírus filtrável, considerado como o primeiro “agente filtrável” a ser associado com infecção animal, como também quase o primeiro vírus identificado, tendo sido descrito por Vallée e Carré (1904), embora Anginiard (1859) já tivesse constatado seu caráter contagioso (CLEMENT & ZINK 1996; LEROUX *et al.*, 2004).

É uma enfermidade infecto-contagiosa de equídeos e caracterizada por se apresentar sob as formas agudas, subagudas, crônicas e assintomáticas (CORRÊA, 1992).

2.2 Constatações etiológicas

O agente etiológico da AIE é o Vírus da Anemia Infeciosa Equina, oficialmente classificado na subfamília *Lentiviridae*, da família *Retroviridae*, baseado em sua estrutura, organização genética, atividade de transcriptase reversa e reatividade sorológica cruzada (FENNER *et al.*, 1993; TRAUBDARGATZ, 1993).

Relaciona-se intimamente com outros lentivírus, incluindo o vírus da Arterite Encefalite Caprina, o vírus Maedi/Visna dos ovinos e o vírus da Imunodeficiência Felina e Humana (MAIA, C.A. *et al.*, 2011).

O vírus da AIE é um vírus do tipo RNA, envelopado, contendo um núcleo de forma cônica e densa. O envelope lipídico exterior do vírus é derivado da membrana plasmática de células do hospedeiro durante a maturação da partícula. As glicoproteínas “gp 90” e “gp 45” são, provavelmente, exigidas para a penetração do vírus na célula hospedeira e atuam como imunoestimulantes. O aparecimento no hospedeiro de novas variantes antigênicas dessas glicoproteínas de superfície resulta em reações febris recorrentes, que são características da doença (RIET-CORREA, *et al.*, 2007). Mede aproximadamente 90 a 200 nm e morfologicamente é muito semelhante ao vírus da adenomatose pulmonar (CORRÊA, 1992).

O vírus da AIE é bastante resistente, sobrevivendo por várias horas quando exposto à luz solar e por quinze minutos, pelo menos, quando fervido; os desinfetantes mais ativos contra ele são os compostos fenólicos (CORRÊA, 1992).

CDU 581.5

2.3 Constatações etiopatogênicas

Imediatamente após a infecção, o vírus da AIE se replica a altos títulos, primariamente em macrófagos maduros do tecido hepático, baço, nódulos linfáticos, pulmões, rins e glândulas adrenais. Virions descendentes são liberados na circulação e a título de 10⁶ a 10⁷ do vírus no plasma aparecem com o aumento paralelo da temperatura retal. A presença de alta concentração de antígenos virais na circulação nos tecidos estimula a produção de anticorpos pelo hospedeiro. Uma vez instalado no organismo do animal, este permanece por toda a vida mesmo quando não apresentar manifestações clínicas (LEROUX *et al*, 2004; RIET-CORREA, *et. al.*, 2007).

O vírus da AIE, provavelmente, continua a replicar num baixíssimo nível nos reservatórios celulares. Devido a uma alta taxa de uma reversão, ela está propensa a erros na cópia do genoma do vírus. Isto pode resultar numa alta frequência de mutações genéticas (FENNER *et al*, 1993; MURPHY *et al*, 1999, *apud* RIET-CORREA, *et. al.*, 2007).

Essas mutações genéticas resultam em alterações dos epítomos do vírus, possibilitando à nova variante antigênica escapar, temporariamente, da resposta imune neutralizante do hospedeiro. Apesar da rápida variação antigênica ser, indubitavelmente, importante para a persistência viral, outros fatores estão, também, envolvidos. O mais importante fator que contribui para a persistência viral, provavelmente seja a habilidade do vírus em inserir uma cópia de DNA do material genético viral dentro do DNA cromossomal do hospedeiro. Esse DNA pode, então, ficar "dormente" por longos períodos de tempo, com pouca ou nenhuma transcrição ou translação de genes virais. Se a célula não está expressando antígeno viral, ela não será reconhecida como sendo infectada pelos métodos de vigilância imune do hospedeiro. O estímulo responsável pela reativação do vírus "dormente" não é, ainda, conhecido (MURPHY *et al*, 1999; REBELATTO *et al*, 1992, *apud* RIET-CORREA, *et. al.*, 2007).

2.4 Constatações epidemiológicas

O vírus da AIE é transmitido entre equinos infectados e não infectados pela transferência de sangue ou derivados sanguíneos. Isso ocorre mais comumente durante a alimentação interrompida de grandes insetos hematófagos, especialmente os da família *Tabanidae* (mosca do equino e mosca do veado). A mosca do estábulo (*Stomoxys spp.*) e alguns mosquitos como o pólvora (*Culicoides spp.*) e o *Anophelles spp*, podem, também, servir de vetores mecânicos para o

vírus da AIE. Essa forma de transmissão ocorre principalmente no verão e em zonas pantanosas (MURPHY *et al*,1999).

Todos os equídeos são sensíveis ao vírus da AIE, sem que haja qualquer preferência por sexo, raça, e idade. A anemia infecciosa está difundida entre os equídeos de todo o mundo, inclusive os do Brasil, comportando-se como doença endêmica cuja morbidade é variável. Facilitam sua difusão e aumentam a taxa de infecção, de um lado, as condições ecológicas e a população de insetos hematófagos (**Figura 01**); bem como, os contingentes ou densidade demográfica de equídeos, sempre havendo maior morbidade onde ambas as populações sejam numericamente grandes. A letalidade é muito variável (CORRÊA, 1992).

A transmissão pode ocorrer, também, de forma iatrogênica, através da transfusão de sangue contaminado, pelo uso de agulhas hipodérmicas ou instrumentos cirúrgicos contaminados. Rotas potenciais de infecção entre éguas e potros incluem a transferência transplacentária, a transmissão pelo colostro e/ou leite. A transmissão transplacentária do vírus da AIE ocorre comumente se a mãe sofre uma reação febril aguda, acompanhada de viremia com alto título, durante a gestação (TRAUB-DARGATZ, 1993; Radostits, *et al*. 2005).

Segundo Smith *et al*. 2005, a transmissão venéria de garanhões para éguas é um raro evento associado a traumatismo vaginal, porém o vírus pode ser transmitido por mutucas ou ainda por inoculação subcutânea de sêmen infectado. Potros filhos de garanhões e éguas infectados assintomaticamente são comumente normais por ocasião do nascimento, soro-negativos pré colostralmente e isetos de infecção, a doença ainda pode causar aborto em éguas infectadas em qualquer estágio da gestação particularmente durante o episódio febril, esse mecanismo de abortamento é desconhecido, comumente o líquido amniótico está negativo para o vírus da AIE.



Figura 1 - Demonstrativo do mosquito *Anopheles*, vetor na transmissão da Anemia Infecciosa Equina.
Fonte: Wordpress, 2011.

2.5 Constatações clínicas

A doença se manifesta clinicamente de diferentes formas, sendo possível a reversão de uma forma a outra, a qualquer instante. Os sintomas gerais nos casos agudos e subagudos são de febre intermitente oscilando entre 39 e 41°C, anorexia, fraqueza, anemia e, a ocorrência de mortalidade entre 10 e 30 dias, após o início dos sintomas. Ainda na forma aguda, em animais jovens pode ser observado andar cambaleante e prostração. Pode-se notar palidez de mucosas e hemorragias petequiais, ou ainda icterícia e edema regiões ventrais (COOK, et al. 1999).

Grande parte dos equinos recupera-se espontaneamente da viremia inicial, num decurso de vários dias e parecem clinicamente normais por um variável período de tempo (dias a semanas) e, experimentam episódios recorrentes de febre, trombocitopenia e depressão. Cada episódio febril é associado à viremia, que é resolvida, coincidentemente, com o término da febre. Entre os episódios febris, os vírus circulantes são associados a células e não estão livres no plasma (RIET-CORREA, et al., 2007).

A frequência e severidade dos episódios febris decrescem com o passar do tempo, com muitos episódios clínicos ocorrendo durante os 12 primeiros meses após a infecção. Muitos equinos, eventualmente, param de ter episódios clínicos de febre e viremia, tornando-se portadores inaparentes do vírus. Em poucos equinos a enfermidade progride à forma debilitante crônica, com sinais clínicos clássicos de perda de peso, anemia, edema e, eventualmente, morte (TRAUB-DARGATZ, 1993; *in* RIET-CORREA, et. al., 2007).

Segundo Thomassian, 2005, clinicamente, deve-se suspeitar de Anemia Infecciosa Equina sempre que houver períodos febris que se repitam, anemia sem babesiose, sem doenças causadas por protozoários ou qualquer outra enfermidade hemolítica. Para tanto, o médico veterinário deverá realizar um criterioso exame clínico baseando-se no histórico do animal, características endêmicas com outros animais manifestando as mais variadas formas e sintomas da doença órgãos (**Figura 2**), introdução de novos animais no rebanho, provenientes de regiões onde a doença exista e pela quantidade de insetos vetores na propriedade.



Figura 2 - Equino acometido de Anemia Infecciosa Equina: evidencia-se apatia, caquexia e dermatopatia generalizada.
Fonte: MARCHAWEB, 2003.

2.6 Constatações patológicas

Na necropsia se observa edema subcutâneo, icterícia, hemorragias petequiais ou equimoses das membranas serosas e aumento de tamanho de órgãos (**Figura 3**), como do baço, linfonodos e do fígado. Em casos crônicos, ou como únicas lesões, emagrecimento e a anemia.

Na histologia observa-se hemosiderose do fígado, baço, linfonodos e vasculite, com infiltração de células mononucleares em diversos órgãos e glomerulite proliferativa devida ao acúmulo de imunocomplexos no glomérulo (RIET-CORREA, *et. al.*, 2007).

A medula óssea se apresenta vermelha e hiperplásica, mesmo em equinos adultos, em ossos longos que já não deveriam estar em período ativo, como o fêmur e a tíbia, que voltaram à função eritropoiética pelo estímulo da anemia (CORRÊA, 1992).

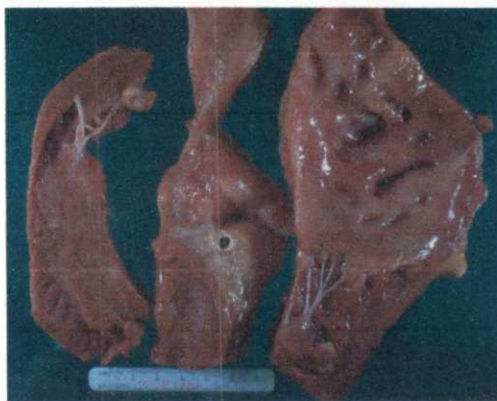


Figura 3 – Achados necroscópicos de lesões cardíacas edematosas e necróticas de equino acometido de Anemia Infecciosa Equina.
Fonte: CFSPH, 2012.

2.7 Constatações diagnósticas

Considerando que mais de 95% dos animais infectados pelo vírus da AIE são portadores assintomáticos, o diagnóstico laboratorial assume um papel decisivo no controle e prevenção da AIE, uma vez que, nos programas oficiais de controle determinam a eutanásia dos animais infectados (Brasil, 2008).

A suspeita diagnóstica pode ser iniciada mediante a identificação de sinais clínicos, como febre recorrente, trombocitopenia, anemia, edema ventral e perda de peso. Muitos episódios de febre elevada indicam viremia. Em esfregaços de sangue observam-se sideroleucócitos provenientes da medula óssea. Essas células, que são monócitos fagocitando eritrócitos, são indicativas de infecção prévia pelo vírus da AIE, no entanto, deve ser realizado o diagnóstico definitivo através dos testes sorológicos (**Figura 4**). A esplenomegalia e a observação de glomerulite proliferativa e hemosiderose no exame histológico constituem-se indicativos da ocorrência da enfermidade (RIET-CORREA, *et. al.*, 2007).



Figura 4 - Demonstrativo da coleta de amostra sanguínea por venopunção jugular para diagnóstico de Anemia Infecciosa Equina.

Fonte: Secretaria da Agricultura, 2011.

Correntemente os dois testes laboratoriais aprovados para diagnóstico da infecção pelo vírus da AIE são a imunodifusão em gel de ágar – IDGA órgãos (**Figura 5**), ou teste de Coggins e o ELISA competitiva. Ambos, detectam anticorpos para a proteína do núcleo "p 26" viral específico (ISSEL, 1992; TRAUB-DARGATZ, 1993; *in* RIET-CORREA, *et. al.*, 2007).

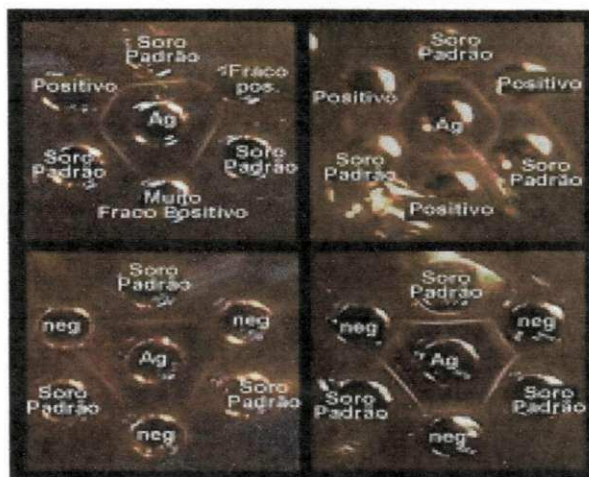


Figura 5 – Exame sorológico específico: teste de imunodifusão em gel-ágar para confirmação diagnóstica Anemia Infecciosa Equina.

Fonte: BLOGSPOT, 2011.

2.8 Controle e profilaxia

No controle das doenças infecciosas deve-se alertar sobre os riscos de disseminação para outros animais ou à população e, quanto a necessidade de tratamento. No caso das doenças de notificação obrigatória, as autoridades governamentais responsáveis devem ser imediatamente informadas e tomadas todas as precauções quanto à difusão para rebanhos vizinhos ou outras áreas geográficas. Asseguram que controle dessas doenças depende do conhecimento etiopatogênico, das características e dos aspectos epidemiológicos da doença (RADOSTITS *et al.*, 2005).

Não existe tratamento específico para a AIE, apesar disso, medidas de controle e prevenção têm sido objetivadas em muitos países na tentativa de conter a disseminação do vírus na população de equídeos. No Brasil existem algumas normas para o controle e erradicação da doença, fiscalizadas pelo Serviço de Defesa Sanitária Animal, do Ministério da Agricultura (RIET-CORREA, *et al.*, 2007).

Em casos de surtos, deve-se fazer a interdição da movimentação de equídeos nas propriedades, isolamento de animais suspeitos ou soropositivos, proibição da participação dos equídeos em locais onde haja a concentração de animais e eliminação dos comprovadamente positivos. Sabendo-se que o sacrifício do animal será realizado, somente, após uma contra-prova, 15 dias após a primeira prova (RIET-CORREA, *et al.*, 2007).

O equídeo infectado é a principal fonte de disseminação da enfermidade, portanto, a identificação de um caso é o ponto de partida para as medidas de controle da AIE. O animal

positivo deve ser isolado, impedindo-se sua movimentação e, posteriormente, sacrificado. Outros fatores contribuem para a disseminação da AIE tais como: concentrações de animais como em cavalgadas, enduros, romarias, onde a maioria dos animais não foi testada. Tropas de rodeio se deslocam de uma cidade para outra e se desviam da fiscalização mantendo muitas vezes, animais contaminados em sua tropa (RADOSTITS *et al.*, 2005; RIET-CORREA, *et. al.*, 2007).

Propriedades serão consideradas controladas quando não apresentarem reagentes positivos em duas provas sucessivas de IDGA, com intervalo de 30-60 dias, e quando todo o rebanho equídeo for submetido ao teste pelo menos uma vez a cada 12 meses. A legislação brasileira de saúde animal considera AIE uma enfermidade de notificação obrigatória, devendo o médico veterinário comunicar aos órgãos de Defesa Sanitária Animal em qualquer caso positivo (RIET-CORREA, *et. al.*, 2007).

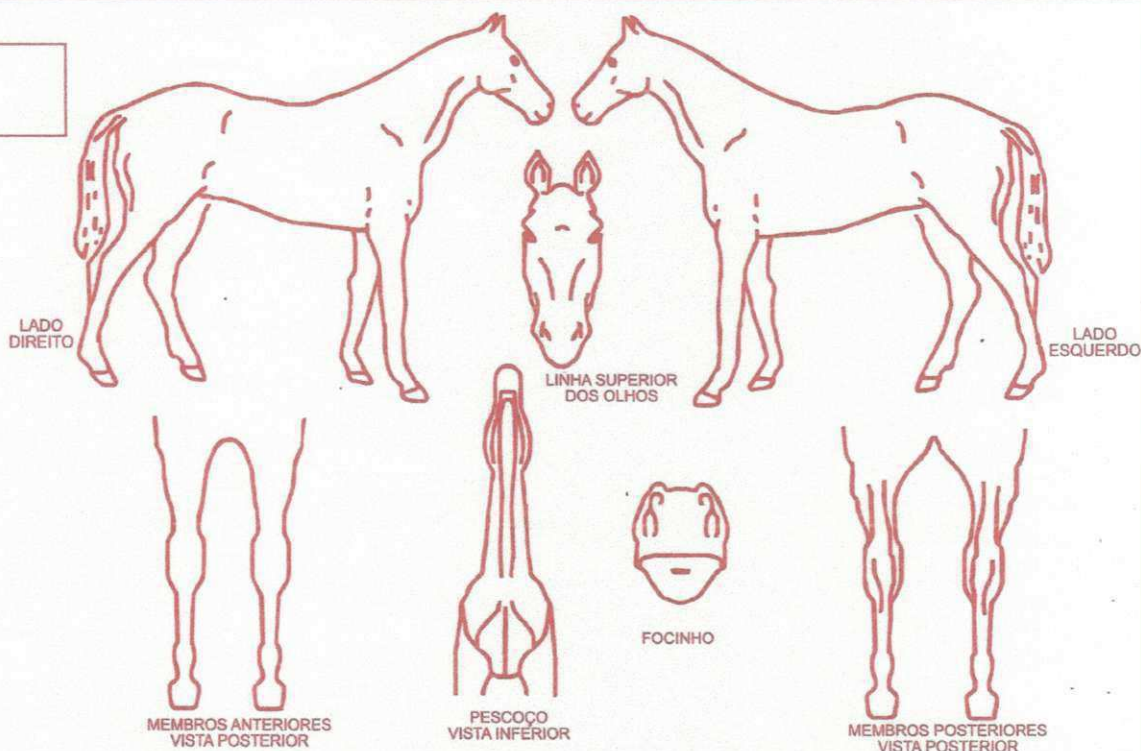
Algumas recomendações para a prevenção da infecção são não permitir a entrada e permanência de equinos estranhos na propriedade, mesmo que temporária e exigir a guia de trânsito animal (GTA) que anexo a ele consta o exame de AIE com a resenha de identificação de cada animal. Quando da introdução de um animal no plantel deve-se exigir o atestado negativo para EIA, ou manter o mesmo isolado durante 30 dias e realizar um exame sorológico. Recomenda-se, também, controlar com repelentes as moscas e mosquitos, colocar bovinos no meio do rebanho equino, a fim de se interromper a transmissão mecânica da infecção, desinfetar constantemente estábulos e boxes com calagem, remover a cama e pincelar as paredes com facho de fogo; utilizar sempre material descartável como agulhas hipodérmicas; exigir sempre atestado negativo em qualquer transação de equinos; se o animal sair de seu habitat submeter o mesmo, na volta, a um exame sorológico, recordando que o período de incubação da AIE pode ser de 15 a 20 dias para o aparecimento de anticorpos (MAPA, 1991, *in* RIET-CORREA, *et. al.*, 2007).

REQUISIÇÃO E RESULTADO DE DIAGNÓSTICO DE ANEMIA INFECCIOSA EQUINA

LABORATÓRIO		PORTARIA DE CREDENCIAMENTO		SÉRIE A Nº			
VIDA VET - LABORATÓRIO DE ANÁLISES VETERINÁRIAS		402.24/11/09					
ENDEREÇO		TEL.:					
RUA PRUDENTE DE MORAES, 677 - CEP: 18.602-060		(14) 3814-5530					
CIDADE/UF		ENDEREÇO ELETRÔNICO (E-MAIL)					
BOTUCATU-S.P.		labvidavet@hotmail.com					
PROPRIETÁRIO DO ANIMAL		ENDEREÇO COMPLETO					
MÉDICO-VETERINÁRIO		ENDEREÇO COMPLETO					
NOME DO ANIMAL	REGISTRO/Nº MARCA	JC	SH	H	FC	UM	OUTRA
ESPÉCIE	RAÇA						
SEXO	IDADE	Nº DE EQUÍDEOS EXISTENTES					
PROPRIEDADE ONDE SE ENCONTRA							
MUNICÍPIO/UF							

RESENHA

PELAGEM:



DESCRIÇÃO DO ANIMAL:

REQUISITANTE

A COLETA DE AMOSTRA E RESENHA DESTA ANIMAL SÃO DE MINHA RESPONSABILIDADE

____ DE ____ DE ____

MUNICÍPIO E DATA DA COLHEITA

ASSINATURA E CARIMBO DO MÉDICO-VETERINÁRIO REQUISITANTE

LABORATÓRIO

ANTIGENO-MARCA OU NOME

Nº DE PARTIDA

DATA DO RESULTADO DO EXAME

RESULTADO

DATA DE VALIDADE

Assinatura e Carimbo do Responsável Técnico

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o que foi abordado nesta revisão, pode-se considerar que é de extrema importância o conhecimento sobre a Anemia Infecciosa Equina que vem tendo uma importância enorme dentro da população equestre em todo o mundo e aqui no Brasil temos que nos conscientizar que é preciso um conhecimento mais aprofundado a respeito desta enfermidade para que se possa controlar ou minimizar a morbidade e mortalidade, com respaldo positivo na equinocultura brasileira e nas divisas econômicas.

4 REFERÊNCIAS

BRASIL. MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASECIMENTO. Instrução Normativa nº 15, 02.04.2008. **Diário Oficial da União**, nº 65, Seção 1, p. 2, 04.04.2008.

CFSPH. 2012. Equine Infectious Anemia. Disease Info Disease, 2012. Disponível em: Fonte: <http://www.cfsph.iastate.edu/DiseaseInfo/disease-images.php?name=equine-infectious-anemia&lang=es>. <Acesso em: 12/08/2013>.

CLEMENTS, J. E.; ZINK, M. C. Molecular Biology and Pathogenesis of Animal Lentivirus Infectious. **Clinical Microbiology Reviews**, v. 9, n. 1, p. 100-117, 1996.

COOK, R.F.; ISSEL, C.J.; MONTELARO, R.C. 1996. Equine infectious anemia. In: Studdert, M.J. (Ed.), **Virus Infections of Equines**. Elsevier, Amsterdam, pp. 297-323.

CORRÊA, W. M.; CORRÊA, C, N. M. **Enfermidades infecciosas dos mamíferos domésticos**. 2 ed. Rio de Janeiro: Medsi, 1992, p. 695-698.

FENNER, F.J.; GIBBS, E.P.J.; MURPHY F.A.; ROTT R.; STUDDERT, M.J.; White D.O. 1993. **Veterinary Virology**. 2 ed. Academic Press, Inc. San Diego.

ISSEL, C. J. 1992. Equine Infectious Anemia. In: Castro A.E., Heuschele W.P. (ed) **Veterinary Diagnostic Virology**. Mosby, Inc. St. Louis.

LEGISLAÇÃO DE DEFESA SANITÁRIA ANIMAL. 1991. **Ministério da Agricultura**. 1: 97-116.

LEROUX, C.; CADORÉ J. L.; MONTELARO, R. C. Equine Infectious Anemia Virus (EIAV): what has HIV's country cousin got to tell us? **Veterinary Research**, v. 35, p. 485-512, 2004

MAIA, C.A. et al. Anemia Infecciosa Equina – **Revisão de literatura**. PUBVET, Londrina, V. 5, N. 11, Ed. 158, Art. 1067, 2011.

MARCHAWEB. 2011. Anemia Infecciosa Equina. Brasil, 18/05/200/2003. Disponível em: http://www.marchaweb.blogspot.com.br/2003_05_18_archive.html. <Acesso em: 12/08/2013>.

MURPHY, F. A.; GIBBS, E. P. J.; HORZINEK, M. C.; SUDDERT, M. J. 1999. **Veterinary Virology**. 3 ed. Academic Press, Inc. San Diego.

RADOSTITS, O. M; Gay, C. C; BLOOD, D. C; HINCHCLIFF, K. W. **Clínica veterinária: um tratado de doenças dos bovinos, ovinos, suínos, caprinos equinos**. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. 1737p.

REBELATTO, M. C.; OLIVEIRA, C.; WEIBLEN, R.; SILVA, S.F.; OLIVEIRA, L. S. S. 1992. Serological diagnosis of equine infectious anemia virus infection in the central region of the Rio Grande do Sul State. **Ciência Rural**, 22: 191-196.

RIET-CORREA, F.; SCHILD, A. L.; LEMOS, R. A. A.; BORGES, J. R. J. **Doenças de ruminantes e eqüídeos**. Santa Maria: Pallotti, v.2, p. 574, 2007.

Secretaria da Agricultura, 2011. Programa de controle da Anemia Infecciosa Equina. **Secretaria da Agricultura**. Disponível em: <http://idchapeco.com.br/secretaria-da-agricultura-e-cidasc-discutem-programa-de-controle-da-anemia-infecciosa-equina-news-4295.html>. <Acesso em: 12/08/2013>.

SMITH,B.P. et al. **Tratado de medicina veterinária interna de grandes animais**. 1. Ed. São Paulo:Manole LTDA,v.2, p.1389-1390,1993.

THOMASSIAN,ARMEN.**Enfermidades dos cavalos**. 4. ed. -Sao Paulo: Livraria Varela, 2005.

TRAUB-DARGATZ, D.C. 1993. Equine Infectious Anemia. In: Sellon D.C. **The Veterinary Clinics of North America-Equine Practice**. 1st ed. W.B. Saunders Company Philadelphia., p.321 - 336.

WORDPRESS. 2011. Anemia Infecciosa Equina. **Wordpress**. 26/06/2006. Disponível em: <http://jjvet.wordpress.com/2011/06/26/a-anemia-infecciosa-equina-aie/anopheles/> < Acesso em: 12/08/2013 >.